









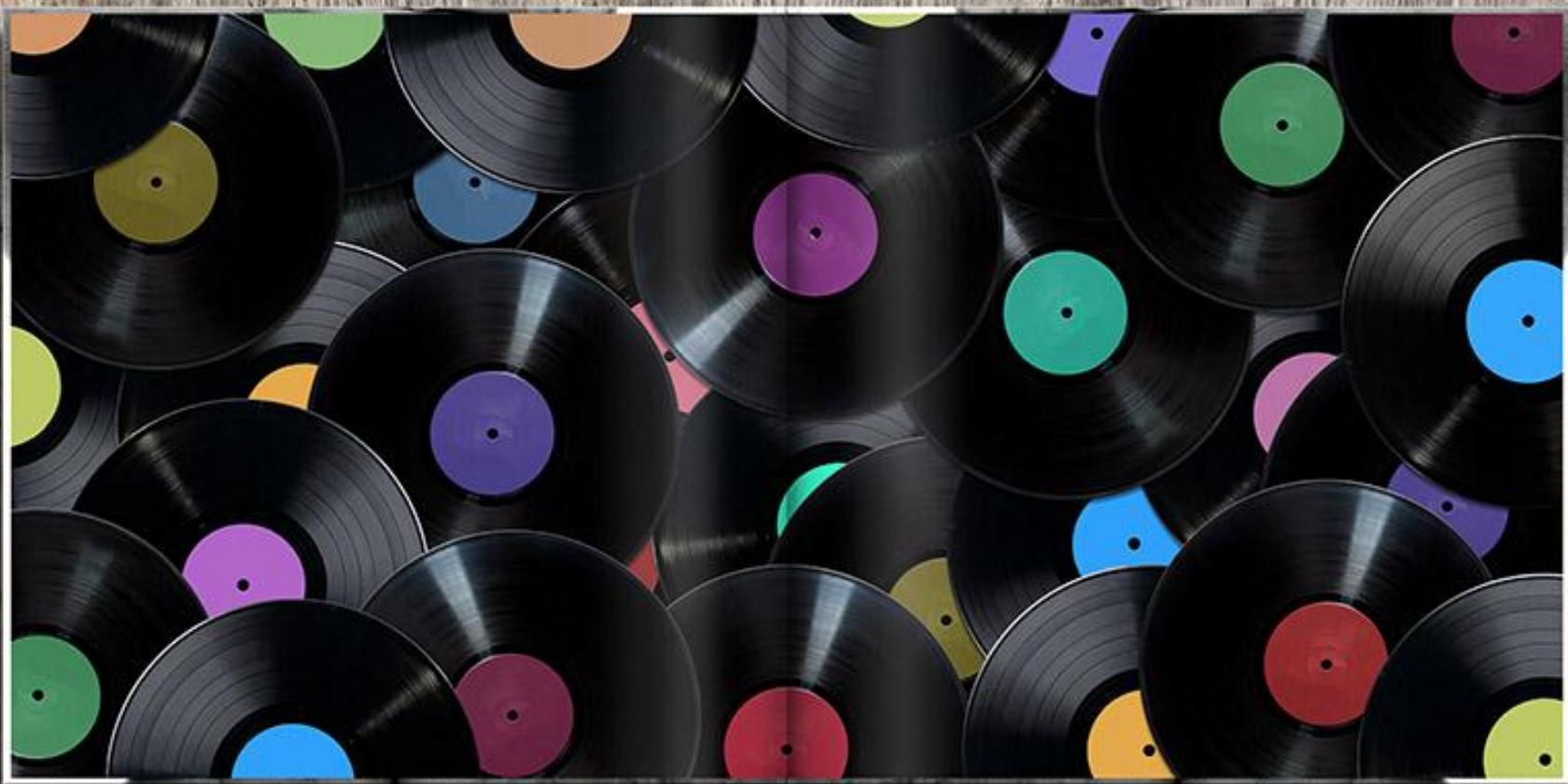




A Arte
do Vinil

31 31

Locca Faria



A ARTE
DO VINIL
~~31 31~~
LOCA FARIA



LOCÇA FARIA

Porque a fotografia é o enquadramento.
Você enquadra legal, você pode estar aqui
em um ambiente onde tem isso tudo,
mas se eu enquadrei só você,
eu estou com a luzinha que está rebatendo
áli no seu rosto. Lá fio, me deu essa
noção enorme do enquadramento.
Eu comecei a fotografar,
Um dia, estava filmando lá e um amigo meu:
"Tu não quer fazer uma capa de disco, não?"
Eu falei: "Capa de disco? Fago?",
Era de um grande músico de música clássica,
que era o Mário Nobre. Era Polygram, a gravadora.
Fui lá, fiz a capa do Mário Nobre, aí o cara falou:
"Eles gostaram, você não quer fazer
a do Roberto Sidoni?", era um pianista clássico,
ai falei: "Só fago também". Ai nessa foi.



ROCCARINI

Estudava aqui no Rio, estudava na Gama Fita. Eu fiz a capa do Clube da Discoteca, fiz a capa de Sarah Vaughan, eu tinha 23, 24 anos de idade. Então eu comprei uma máquina fotográfica com vinte e poucos reais e comentei — Toda a experiência que eu tinha em filmar no meu dia a dia, eu comecei — Então, a fotógrafa me deu uma noção enorme de enquadramento. Porque a fotografia é o enquadramento. Você enquadre legal, você pode estar aqui em um ambiente qualquer com seu sujeito, mas se eu vir achar só você, eu estou com a lógica que está rebatendo ali no meu rosto — Então, me deu essa noção enorme do enquadramento. Eu comecei a fotografar. Um dia, estou tirando foto e um amigo meu: "Tu não quer fazer uma capa de disco, não?" Eu falei: "Capa de disco? Fapp". Era de um grande maestro de música clássica, que era o Mário Huber. Era poligônio e pesadona. Fui lá, fiz a capa do Mário Huber, ai o cara falou: "Desse gostaram, você não quer fazer a do Roberto Silveira?", era um pianista clássico, ai falei: "Tu fogo também?". Ai nessa foi — Um amigo meu que é o Denis Carvalho, um dia falou: "Você se apresentar um cara aqui que



Egberto Gismonti
MÚSICO E COMPOSITOR



Um amigo meu me chamou para fazer uma capa de disco que era o Doniló Caymmi. Eu fui, fiz a capa do Doniló. Um dia a Nana chamou, era a irmã dele: "Tu não quer fazer a minha?" Eu filmava e fazia umas capas. Só que naquela época querer capa de disco era uma... Porque a capa de um disco, ela é a vida daquele artista. Então ali está a vida do cara.



LOCÇA FARIA

Estudava aqui no Rio

estudava na Gama Faria. Eu fiz a capa do

Clube da Esquina, fiz a capa de Sarah Vaughan, eu tinha 23,

24 anos de idade. Então eu comprei uma máquina fotográfica com uns

ou poucos anos incompletos — Toda a experiência que eu tinha em filmar no meu dia-a-dia

eu comecei — Então a fotografia estética me deu uma noção enorme de enquadramento. Porque a fotografia

é o enquadramento. Você enquadra legal, você pode estar aqui em um ambiente onde tem seu ralio, mas se eu enquadrar só

você, eu estou com a Juventude que está vibrando ali no seu rosto — Então, me deu essa noção enorme de enquadramento.

Eu comecei a fotografar. Um dia, estava Fernando lá e um amigo meu: "Tu não quer fazer uma capa de disco, né?" Eu falei: "

Capa de disco? Faz?" Era de um grande maestro de música clássica, que era o Mário Nóbrega. Eu fui pra gravadora, fui

lá, fiz a capa do Mário Nóbrega, ai o cara falou: "Tôs gostaram, você não quer fazer a do Roberto Sálon?", era um pianista

clássico, ai falei: "Eu fogo também". Ai respondeu: "Um amigo meu, que é o Denílson Caetano, um dia falou: "Vou te apresentar

um cara que quer é demais", que era o Bittuka. Eu falei: "Ah, legal". Mas eu tinha uma vida nova, uma época que era intensa, eu

queria saber de trambique e mulher. Minha cabeça estava assim. Traballava, ganhava dinheiro, namorava e viajava. E como no

meu trabalho eu viajava muito, porque durante uns eu trabalhos fazendo documentários pelo Brasil, documentários para a

National Geographic, eu viajava vielando. E em uma dessas, me apresentou o Bittuka. Um amigo meu me chamou para

fazer uma capa dele, queria o Denílson Caetano. Eu fui, fiz a capa do Denílson. Um dia a Anna chamou, era a amiga dele, "Tu não

quer fazer a minha?", Eu filmava e fazia umas capas. Do que naquela época fazer capa de disco era uma — Porque a capa de

um disco é só a vida desse artista. Então ele está aí dando de cara. Então, você fazer a capa desse

o cara comece a te pedir um monte de coisa. Eu comecei a me envolver com isso e eu sempre fui ligado

em música, então aquilo foi — E eu tinha uma minha casa, aquelas pranchinhas, então,

se eu não estava trabalhando, filmando, eu estava fazendo capa

de disco. Estava minha vida nessa trabalhar e fazer isso.

Então eu estava uma coisa

muito intensa.

Felix Alberto

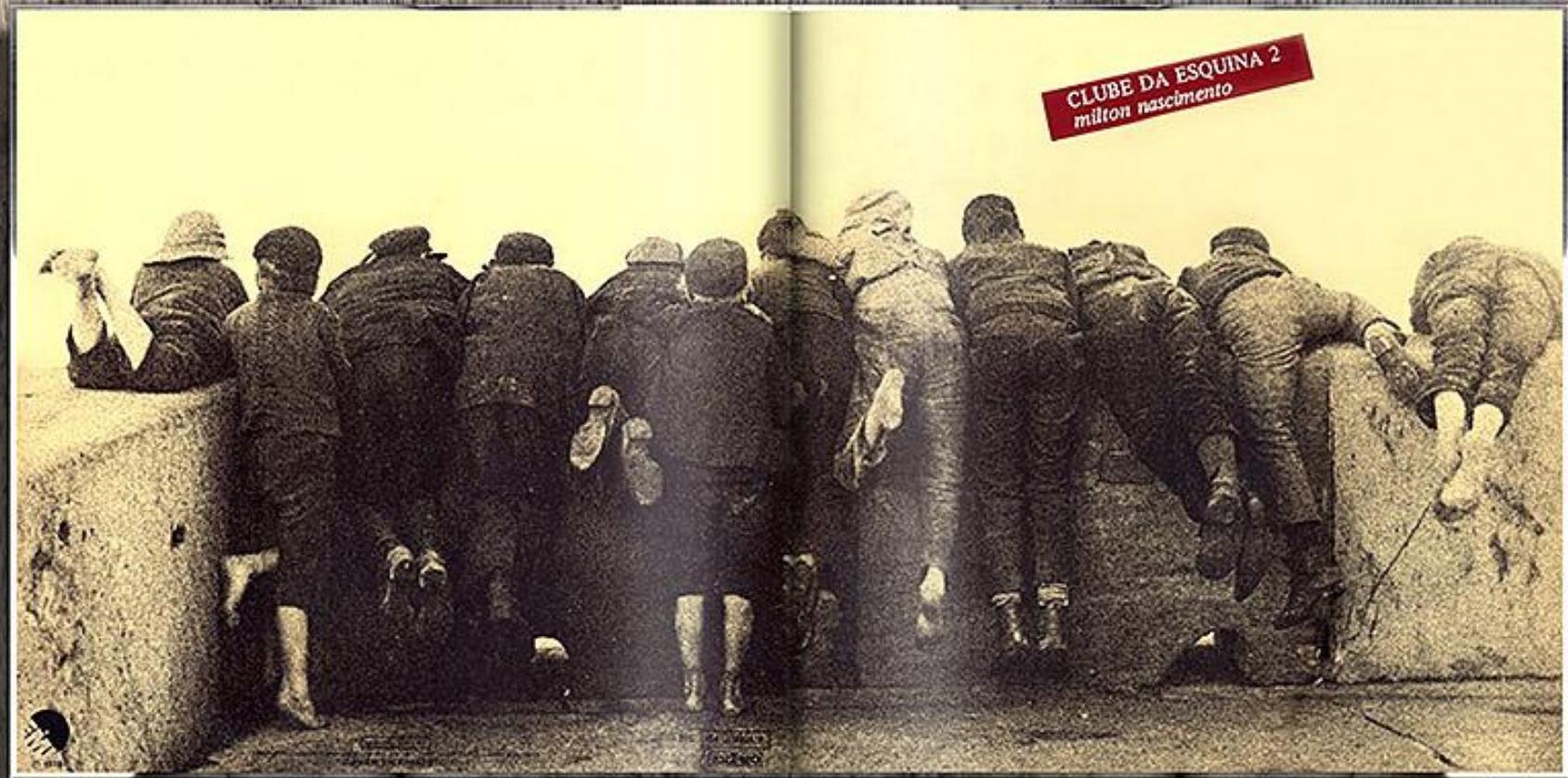
JORNALISTA

Meu nome completo é Luiz Odílio Chaves Faria,
deixei do Rio de Janeiro e minha idade é 54 anos.

Eu fui criado pelos meus avós maternos. Eu era
dos italiano e primos-irmãos. De se chamava
Silvano Armando Delariva e a mãe da minha
mãe chamava Amanda Irma Fabrina Powell
Isapelli Delariva. E a minha mãe quando casou
com meu pai, adotou todos os nomes que
ela tinha italiano para ficar com o sobrenome do
meu pai, que é de uma família mineira. O pai do
meu pai era mineiro e foi um marechal, que é o
Centenário de Faria, é uma família Centenário de Faria.

E ali casou com a minha bisavó. E meus avôs
maternos me criaram, porque minha mãe
quando morreu, eu tinha 11 para 12 anos de
idade. E quando ela morreu a escrava familiar
dinabou. Ela morreu de câncer, então ela
dormiu cinco anos para morrer. Nesses cinco
anos meu pai foi morar em São Paulo, foi trabalhar
e a gente ficou vivendo com meus avôs. A
gente morava em Ipanema e meu avô e minha
mãe eram vizinhos no mesmo edifício. Então
quando ela ficou doente, por um tempo ficou
aquele estúdio da casa. Mas, depois, ela teve
que ficar com os pais dela. Porque meu pai
morreu em São Paulo, trabalhava, viria no final
de semana, ficava sozinha casa. O negócio foi
quebrando, até que ela morreu. Ela
estava praticamente morando com meus
avôs mesmo, já conviviam.

Ela sou o útima, tenho irmãos mais velhos. Um
irmão no and passado com 59 anos, tenho um
irmão mais velho com 60 anos e tenho
uma irmã com 55.



CLUBE DA ESQUINA 2
milton nascimento





O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu viajava na praia e Ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era lento, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara fala: "Se você quiser você faz a assessoria". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele via meu interesse, levava um jovem de 16 anos, interessado, eu ia lá e limpando as máquinas dele, lenços. E lá ele foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo, só que naquela época, na década de 1970, não existiam vídeos. O vídeo que existia era para fazer em instâncias, aqueles címeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme, o que aquilo dá, a relação velocidade/fotograma, aquelas coisas todas. Então a gente ia chegar e falar: "Vocês vão fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te deixa um rolo de filme e filma". Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto? Então você com aquele rolinho de filme, tinha que fazer os dez minutos longos. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as címeras de vídeo, já temos uma profissão, estudava aquela cosa e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 21 para 24 anos.

O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu viajava na praia e Ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma



EBBERTO GISMONTI



ele foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me coloca na carreira do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entre na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista no TV Globo. Isso que não quer dizer, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que exibia era para fazer em estúdio, aqueles câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua daquele filme, o que aquilo diz, a relação velocidade do alargamento, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme. "Olha, você tem dez minutos, só vai chegar flutuando no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Pense que hoje temos as câmeras de vídeo digital, onde a gente só prende que tem que bater um branco aqui, acima como bicho, dia e cor no monitor, está colorido, bonito e fof. Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos, já morava sozinho, já tinha uma profissão, estava cursando e tinha uma projeção. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha posição pela fotografia foi uma coisa de gênio. Eu fui criado na pele, na carne do mar. Então eu vivia na praia de Ipanema, é um visual aquático. Então desde pequenininha, eu pegava onda e tal e sempre adoro a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era cara, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade, fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero sonhar". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 18 anos, incomodado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lavando. No meio de essa tarefa conheci um fotógrafo e falei: "Tu quero





EGBERTO GISMONDI

Ele foi vendo meu interesse, coloco aí na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entre na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não tinha o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aqueles câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, o que aquilo dá, a relação velocidade/afogamento, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. Eu vocei a fazer uma reportagem, uma manchete que o cara te dava um rolo de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar italiano no aeroporto". Então você com aquele rolo de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos os câmeras de vídeo, digital, onde a gente aprende a prender a gente que: "Tem que bater um branco aqui, aperto outro botão, dou cor no momento, está colorido, bonito e tal". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, instrutora aquática e tinha uma profissão. Eu fiz aula de Clube da Exeine e já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de gato. Eu fui nadar na praia, na beira do mar, tive eu viajei na praia e apareceu, é um visual aquela. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adorava cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui chinando, estudando, fui fazer aquatinha. No meio da aquatinha conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deusava eu ficar lá no estúdio de lá. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 18 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes. No meio da profissão conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero".

ele foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me collocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entre na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aqueles câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, o que aquilo dá, a relação velocidade/afogamento, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. Eu vocei a fazer uma reportagem, uma manchete que o cara te dava um rolo de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar italiano no aeroporto". Então você com aquele rolo de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos os câmeras de vídeo, digital, onde a gente aprende a prender a gente que: "Tem que bater um branco aqui, aperto outro botão, dou cor no momento, está colorido, bonito e tal". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, instrutora aquática e tinha uma profissão. Eu fiz aula de Clube da Exeine e já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de gato. Eu fui nadar na praia, na beira do mar, tive eu viajei na praia e apareceu, é um visual aquela. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adorava cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui chinando, estudando, fui fazer aquatinha. No meio da aquatinha conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deusava eu ficar lá no estúdio de lá. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 18 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes. No meio da profissão conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero".



VOLTA E VAI

CLAUDIO NUCCI

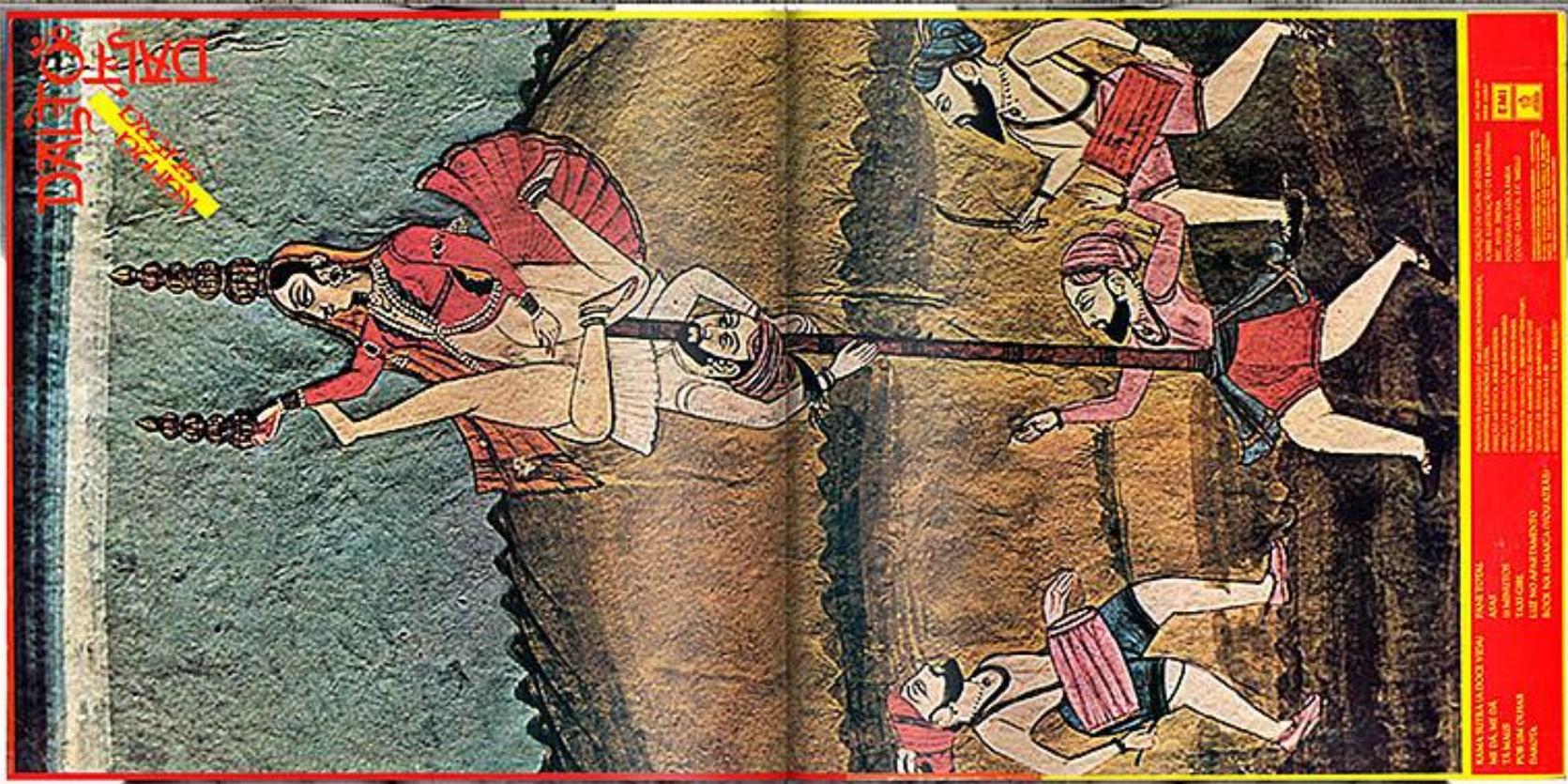


Foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, eu era na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Se que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdios, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua daquele filme, o que aquilo diz, a relação velocidade de alforges, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um rolo de filme e lia: 'Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto'. Então você

Foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografar em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que nessa época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existe era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme, o que aquilo dá, a relação velocidade/diâmetro, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que ir pra Escola, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um rolo de filme e falava "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele rolo de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. Então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digital, onde a garotada aprende que: "Têm que bater um branco aqui, aperto outro botão, dou cor no monitor, era colônia, bonito e isto". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu conheci a trabalhar com sensibilidade, isto é, que é uma coisa de comprar uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fui a capa do Clube de Esquina já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de garoto. Eu fui cinder na praça, na beira do mar. Fizeto eu vivia na praia e lá em mim é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui anotando. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assinatura". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquela si, ele sou meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, limpando o aluguel da minha paixão pela fotografia, foi uma cosa de garoto.



Foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografar em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que nessa época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existe era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme, o que aquilo dá, a relação velocidade/diâmetro, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um rolo de filme e falava "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele rolo de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. Então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de



DALTO

10

CHOCOLATE DE CACAO Y GUARANÍ
CON CHOCOLATE DE CACAO
Y GUARANÍ
REFRESCANTE
REFRESCANTE
REFRESCANTE

REFRESCANTE
REFRESCANTE
REFRESCANTE
REFRESCANTE
REFRESCANTE
REFRESCANTE

PANA TOTAL
ASAI
BANANITO
TAPIOCA
POBRA COTIA
PAMPA
PAMPA



Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. Eu só ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais.

Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então eu fiz uma escola de gincana de fotografias de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digital, onde a gente já consegue dizer: "Têm que bater um branco aqui, aperte outro botão, dê cor no monitor, está colorido, bonito e só". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, só que vim de comprar uma máquina fotográfica que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos.

O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e...Spanner, é um visual aquilo. Entendo desde pequenininhos, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma cosa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. Não meno da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu falei lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lenços.

E o negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de garoto.

Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e...

Spanner, é um visual aquilo. Entendo desde pequenininhos, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma cosa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. Não meno da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu falei lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lenços.



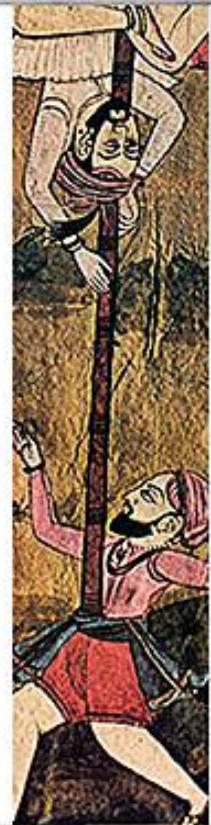
Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comentei uma matéria fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a querer dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos.

O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e...Spanner, é um visual aquilo. Entendo desde pequenininhos, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma cosa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. Não meno da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu falei lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lenços.

E o negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de garoto.

Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e...

Spanner, é um visual aquilo. Entendo desde pequenininhos, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma cosa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. Não meno da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu falei lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lenços.



nana caymmi



"...e a gente nem deu nome"

Mas quando eu era novo o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade, fui conversando, estudando, fui fazer aquisições. No meio da aquisição eu conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a aquisição". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu tirar lá no estúdio dele. E com aquela lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes. E ai ele foi vendendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que nessa época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para se filiar, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua claque, filme, o que aquilo é, a relação entre diretor, ator, roteiro, aquelas coisas todas. E não a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um rolo de filme e balava: "Olha você tem dez minutos só para chegar falando no aeroporto". Então você com aquele rolo de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, mede a luz com fotômetro e rodar. Então isso é uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande, porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digitais, onde a gente só aprende que: "Têm que batê um branco aqui, apena ouro brilhante, doce por no momento, está colorido, bonito e forte". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que me gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. E com aquela lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessada, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes. E ai ele foi vendendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão.

nana caymmi





LIGA
CRIAÇÃO DA CORTE
SOL NO PANTANO
VILARES
ESQUERDA
CASA
AGRADECIMENTO
CARTA MARÍTIMA

LIGA B
VILARES LIVREZA
BOM DE MELHOR
CABANELA
CIGARRO
FESTA BRASILEIRA

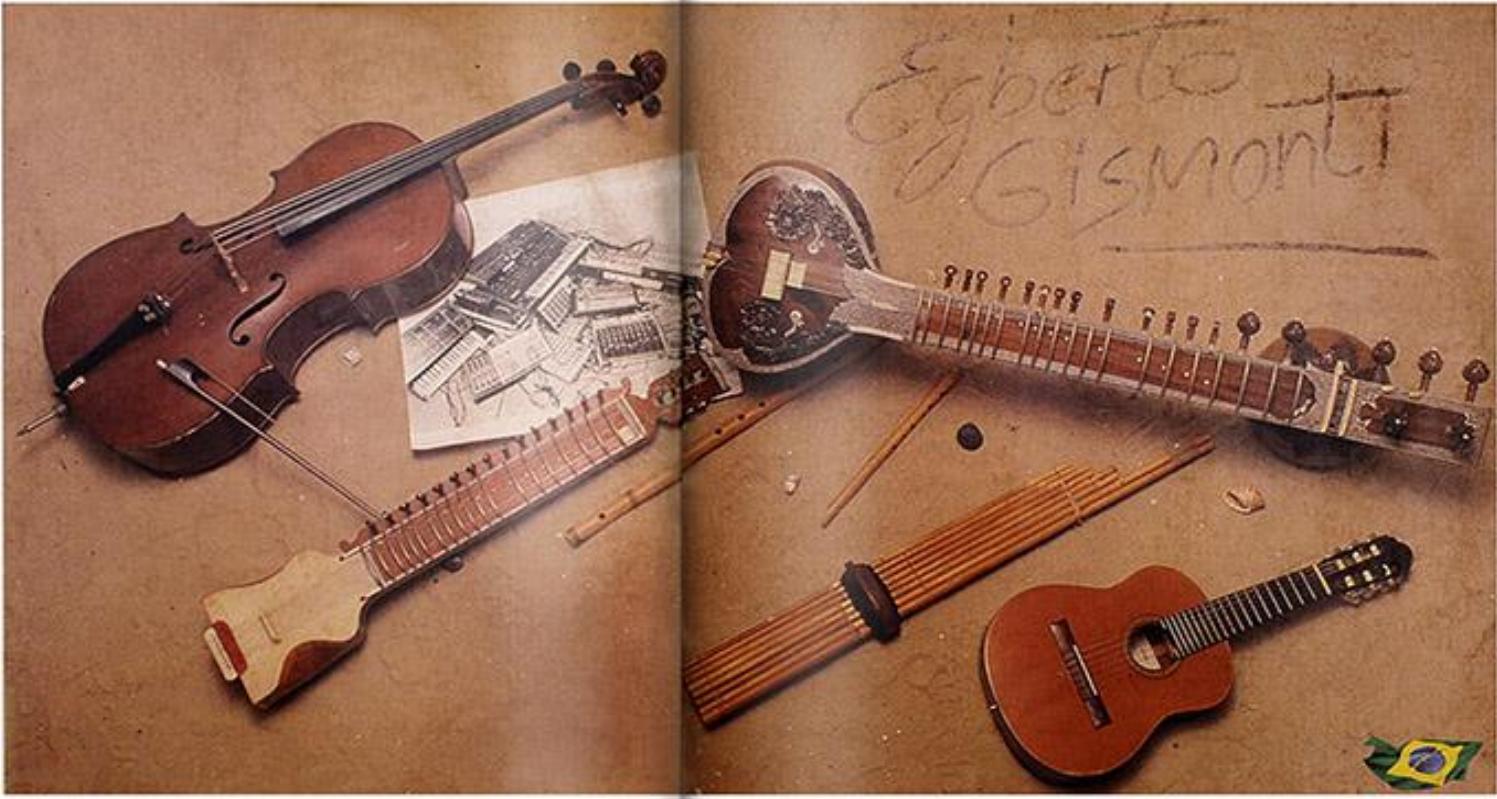
Homem Marca
Guitarras Fender
Eduardo Gómez
Tributo à Paulista
Escola de Artes
Eduardo Gómez
Márcio Gómez
Guitarras Fender e Cia
Guitarras Fender e Cia
L'Oréal

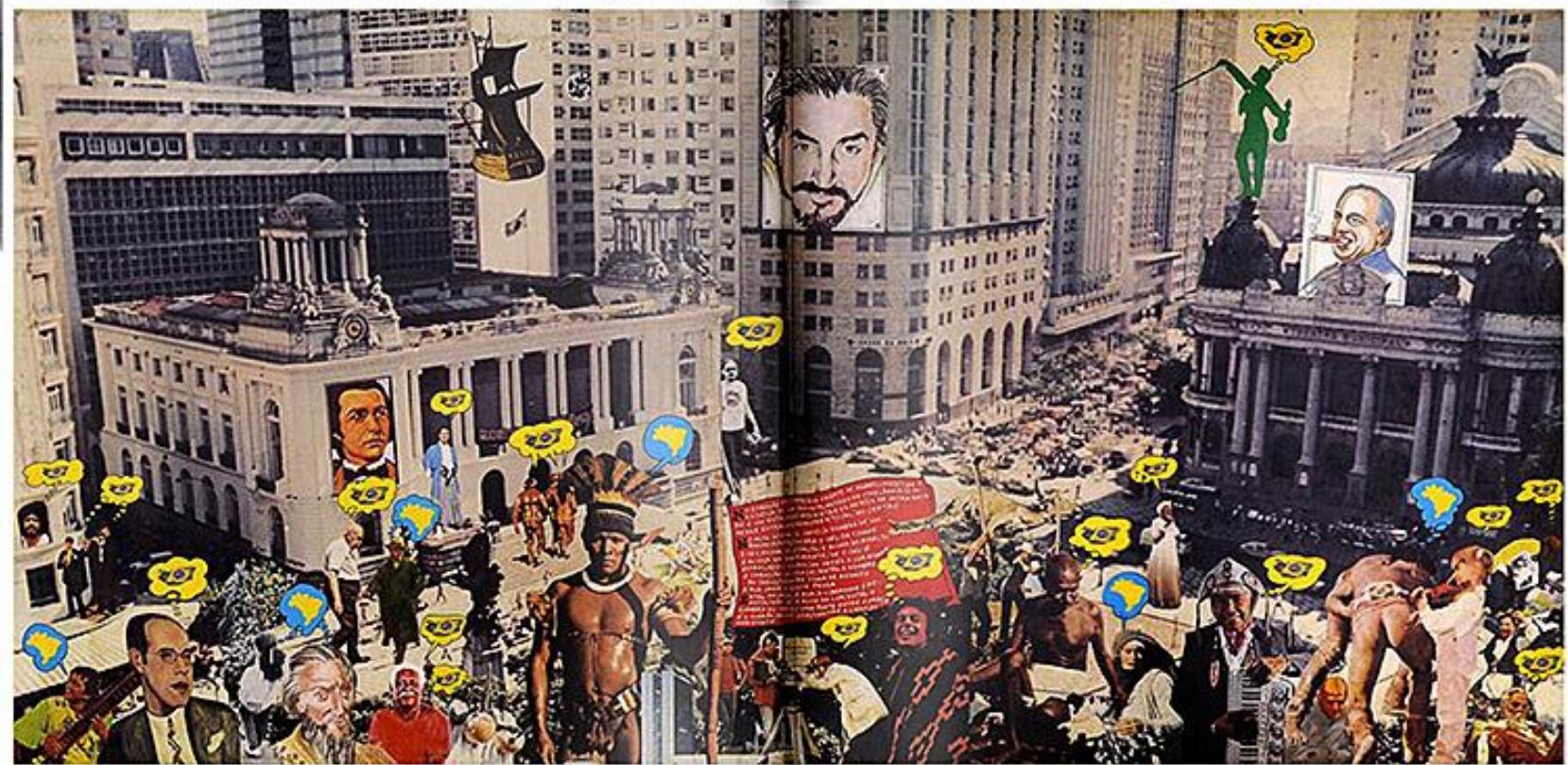
Trabalhando e Organizando
Eduardo Gómez
"Sociedade de Apoio à Escola
Eduardo Gómez"
Eduardo Gómez
Guitarras Fender e Cia
L'Oréal

PROSA
Música Prazer
Jornalista Fábio
Márcio Gómez
Eduardo Gómez
Guitarras Fender e Cia
L'Oréal

Conselho de Minas
Zé da Vila & Lula
Eduardo Gómez
Tributo à Paulista
Escola de Artes
Eduardo Gómez
Guitarras Fender e Cia
L'Oréal

VASP
Av. das Alamedas, 1000
Brasília - Distrito Federal
CEP 70110-000







Ele foi muito meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na costa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografar a em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que nessa época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme, o que aquilo da, a relação velocidade/d'alargamento, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de televisão de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digitais, onde a gente não entende que "Tem que bater um branco aqui, apena ouro batido, daí cor no monitor, está colorido, bonito e tal". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, evoluía na carreira e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 21 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de gosto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu via na praia e,apanhei, é um visual aquilo.

ele foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na costa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na tv Globo. Só que nessa época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme, o que aquilo da, a relação velocidade/d'alargamento, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de televisão de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digitais, onde a gente não entende que "Tem que bater um branco aqui, apena ouro batido, daí cor no monitor, está colorido, bonito e tal". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, evoluía na carreira e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 21 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de gosto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu via na praia e,apanhei, é um visual aquilo.





Tive vindo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografar em movimento. Então, eu tive na televisão e com 18 anos já entrava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que nessa época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que eu tinha era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme, o que aquilo dá, a relação velocidade/ângulo, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma manhã que o cara te dava um rolo de filme e ia lá. "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele rolinho de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso faz uma escola de geração de fotógrafos de fotografias de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digital, onde a garotada aprende que: "Tem que bater um branco aqui, aponto como beijo, dou com os moinhos, está o pôr do sol, bonito e fof". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de guerra. Eu fui pra praia, na beira do Mar. Então eu vi esse praia e Ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininha, eu pegava onda e tal e sempre adoro a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Aí eu ia pra lá, não ganhava nada, mas o cara deixava pra ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele era meu interesse, eu era um jovem de 18 anos, intratado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes, ele foi vendendo meu interesse.



O SOM BRASILEIRO DE SARAH VAUGHAN



Na meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assinatura". Ai eu ia para lá, não pintava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele via meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lenços, lá aí veio fezendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me indicou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia, em movimento. Então, morri na televisão e com 15 anos já estava na tela e dando na televisão. E com 20 anos eu já era o negrotufo na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para filmar em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então o indivíduo quis ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, quer é a sua câmera, filme, o que aquilo é, a relação entre cada dígitos, aquela coisa, todos. Então isso é uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos os câmeras de vídeo, digital, onde a garotada aprende que "Têm que botar um branco aqui, aponto outro botão, dou cor no monitor, está colando, bonito e fo". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, só que um dia com pegou uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, esculpida aquela teca e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha juventude pela fotografia foi uma cosa de garoto. Eu fui criado na praia, no bora do mar. Então eu via na praia e Ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininha, eu pegava onda e sei sempre adoro a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "

DATA	PROJETO	TIPO	ESTADO	CIDADE	DETALHES
1970	Projeto A	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 1
1972	Projeto B	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 2
1974	Projeto C	Misto	Minas Gerais	Belo Horizonte	Detalhe 3
1976	Projeto D	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 4
1978	Projeto E	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 5
1980	Projeto F	Misto	Paraná	Curitiba	Detalhe 6
1982	Projeto G	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 7
1984	Projeto H	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 8
1986	Projeto I	Misto	Paraná	Curitiba	Detalhe 9
1988	Projeto J	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 10
1990	Projeto K	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 11
1992	Projeto L	Misto	Paraná	Curitiba	Detalhe 12
1994	Projeto M	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 13
1996	Projeto N	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 14
1998	Projeto O	Misto	Paraná	Curitiba	Detalhe 15
2000	Projeto P	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 16
2002	Projeto Q	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 17
2004	Projeto R	Misto	Paraná	Curitiba	Detalhe 18
2006	Projeto S	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 19
2008	Projeto T	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 20
2010	Projeto U	Misto	Paraná	Curitiba	Detalhe 21
2012	Projeto V	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 22
2014	Projeto W	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 23
2016	Projeto X	Misto	Paraná	Curitiba	Detalhe 24
2018	Projeto Y	Residencial	São Paulo	São Paulo	Detalhe 25
2020	Projeto Z	Comercial	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Detalhe 26

BRIDGES
IF YOU WENT AWAY
TRISTE
THE DAY IT RAINED



A LITTLE TEAR
COURAGE
ROSES AND ROSES
SOMEONE TO LIGHT UP MY LIFE
I LIVE TO LOVE YOU

Comédia de Duda Amorim - ALEXANDRE OLIVEIRA



Direção: PÉROLA PEREIRA. Comédia. Duda Amorim, Alexandre Oliveira. Roteiro & Direção: NIVALDO CIRIO MILANEZ & V. CARLOS T. REIS. Elenco: Duda Amorim, KELLY CAROLYN, KAREN JANE, GILSON MARTELLI. Com: CAP. SOCI. ANA ELEN. Prod: CAP. SOC. Fábio VIEIRA. Edição: CAP. SOC. Apresentação: TONINHO. Exec. Prod: RICARDO MACHADO. Roteiro: RICARDO MACHADO. Roteiro: RICARDO MACHADO.

Então você tinha que chegar lá, medir e faz com fotômetro e rodar. Então isso fez uma escola de geração de fotografos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque se a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos os câmeras de vídeo, digital, onde a gente pode aprender que: "Tem que bater um branco aqui, aperto outro botão, dou cor no monitor, está colorido, bonito e fai". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Escrava já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu viajava na praia e Ipanema, é um visual aquela. Então desde pequenininho, eu pegava onda e fui e sempre adoro a cosa de fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara, então eu tinha aquela vontade, fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quer você faz a assistência". Ai me deu a cara, não ganhava nada, mas o cara deixou eu fcar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas deles, fones. E ai veio fui vendendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não havia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme, o que aquilo da, a relação velocidade/fotograma, aquelas coisas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar faltando no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fui uma escola de geração de fotografos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos os câmeras de vídeo, digital, onde a gente pode aprender que: "Tem que bater um branco aqui, aperto outro botão, dou cor no monitor, está colorido, bonito e fai".

Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Escrava já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu viajava na praia e Ipanema, é um visual aquela. Então desde pequenininho, eu pegava onda e fui e sempre adoro a cosa de fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade, fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura.



melhor de três

CLAUDIO NUCCI



Muito meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Se quer naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua daquele filme, o que aquilo dá, a relação velocidade/ângulo/ângulo, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso faz uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digital, onde a garota aprende que: "Tem que bater um branco aqui, apena ouro bobe, dou cor no monte, estil colorido, bonito e fo". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, ate que um dia comprei uma máquina fotográfica que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube de Esquiaria já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu via na praia e Ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio de uma turma tinha um fotógrafo e falou: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, impressionado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes, ele foi vendendo meu interesse.

SANTA CLARA
AS COIAS
MELHOR DE TRÊS
OU MINAS GERAIS
FEIRA LIVRE
NA MINHA CASA

MEDA A MÃO
BOITATÁ
DUZINDÍO
OS RIOS
MÁGICOS
E MUSICOS





O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu viajava na praia e,apanhava, é um visual aquilo. Então desde pequenininho eu pegava onda e tali e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade, fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assinatura". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu fiquei lá limpando as máquinas dele, lentes. Eai ele foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografar a em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o individual para ser fotografado, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, filme o que aquilo da relação veloz/deslafugia, esboços, conversas, tudo a gente tinha que estudar, fazia cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e fala: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digital, então a gente só aprende que: "Tem que bater um branco aqui, aperto outro botão, dou com no monte, está! colorido, bonito e fai!". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fui a capa do Clube da Esquina (já tinha 23 para 24 anos). O negócio da minha paixão pelo fotógrafo foi uma coisa de garoto.



Ela foi vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografar a em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de





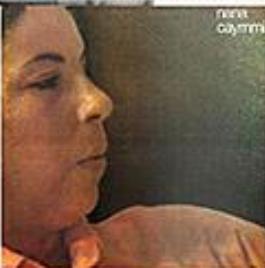
nana
caymmi





Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia, em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não exibia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, o que aquilo dá, a relação velocidade de diafragma, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele rolinho de filme, tinha que fazer os dez minutos logo. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digital, onde a gente não aprende quic: "Tem que bater um branco aqui, aperte outro botão, deu cor no monitor, está colorido, bonito e fof". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 21 para 24 anos.

O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e, ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adoro a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele vivia meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e



ROSA
COSTA

O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e, ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adoro a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele vivia meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e, ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adoro a cosa da fotografia, de registrar alguma

Depois eu conheci um cara que colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não exibia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, o que aquilo dá, a relação velocidade de diafragma, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele rolinho de filme, tinha que fazer os dez minutos logo. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema.

Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não exibia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua duração, o que aquilo dá, a relação velocidade de diafragma, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele rolinho de filme, tinha que fazer os dez minutos logo. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso fez uma escola de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema.



ROBERTINHO SILVA BATERIA



De fato vendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na costa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E, com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Se que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a sua classificação, o que aquilo dita, relação velocidade/diafragma, escuras coisas. Tudo. Tudo a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara se dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar italiano no aeroporto". Então, você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E, então isso fez uma escola de pensamento de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande.

Então aprendeu realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digitais, onde a gente consegue quer: "Tenho que bater um branco aqui, aperto como botão, dou com no monitor, está colorido, bonito e fui". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morei, comecei a minha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fui a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos. O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de sorte. Eu fui pra praia, no bairro do mar, tinha eu viva na praia e Ipanema, é um visual aquilo. Tinha dentro de mim um bicho, eu pegava onda e tive sempre adorar a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui crescendo, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz e assiste". Ai eu ia pra lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu, era um jovem de 16 anos, interrompendo, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lentes. E ali eu fui a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos.

ZONALITAS-SILVA. Arreia, maracatu, samba-de-cavalo.
RICO ANDRÉSSEN - Leste do Brasil - Álbum de fotos
EXCEPCIONAL - Arreia, maracatu,
APREZADO - Samba - Samba - Flávia



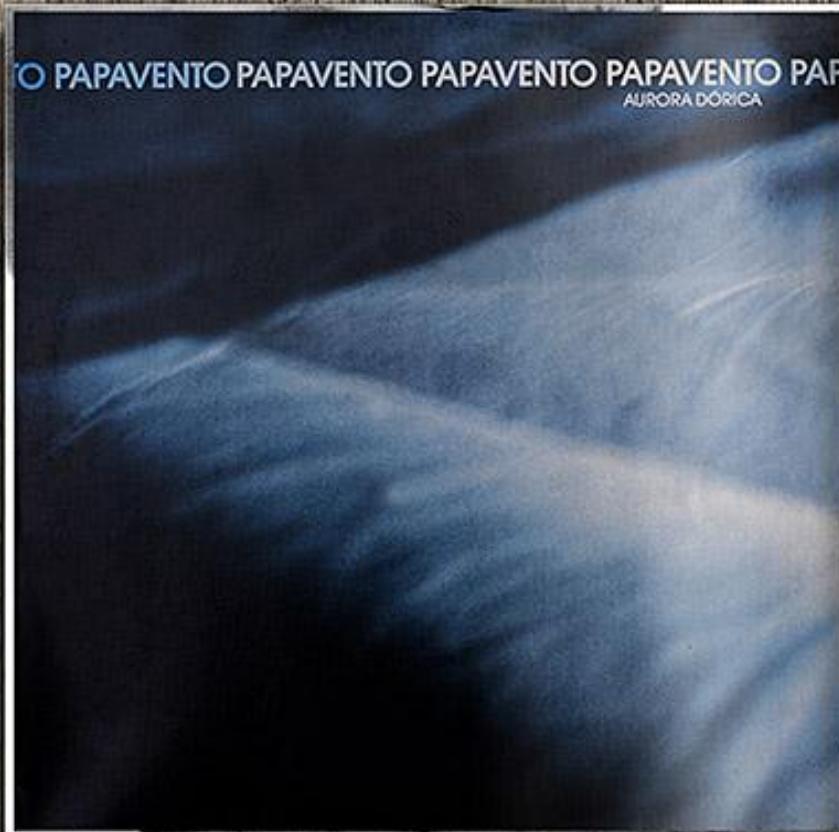
ÁLBUM DE FOTOS
RICO ANDRÉSSEN - LESTE DO BRASIL
EXCEPCIONAL - ARREIA, MARACATU
APREZADO - SAMBAS - SAMBA - FLÁVIA



Depois eu conheci um cara que me colou na cosa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista da TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existe era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a ação daquela filmagem que aquela dilaçãoção velocidade do diafragma, aquelas cores todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma reportagem, uma matéria que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele roteiro de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz, com focinho e rodar. E então isso fez uma espécie de geração de fotógrafos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendia realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digital, on-line, a gente já entende que: "Tem que bater um branco aqui, aperta outro botão, dou cor no monitor, está colorido, bonito e pronto". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinho, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina já tinha 23 para 24 anos.

O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma coisa de garoto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Então eu vivia na praia e Ipanema, é um visual aquilo. Então desde pequenininho, eu progridei, entendo e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade, fui crescendo, entendo, fui fazer arquitetura. No meio de arquitetura conheci um fotógrafo e fiquei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assinatura". Ai eu ia para lá, lá não ganhava nada, mas a cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquela lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 18 anos interessado, eu ficava lá limpando as máquinas, pô, lenços, etc. Foi vendendo meu interesse.





O PAPAVENTO PAPAVENTO PAPAVENTO PAPAVENTO PAP

AURORA DÓRICA



Mas quando eu era novo, o filme era curto, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade. Fui treinando, estudando, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quer ver você é faz a escolinha". Ai, eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara desviaia eu fazer lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele viu meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, impressionado, eu ficava lá limpando as lentes das lentes. Ele foi vendendo meu interesse. Depois eu conheci um cara que me colocou na costa do cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Eu só, entre na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existia era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, eu, com 16 milímetros. Então, o indivíduo que se fotografava, tinha que estar fotografado, saber o que é um filme, qual é a sua daquele



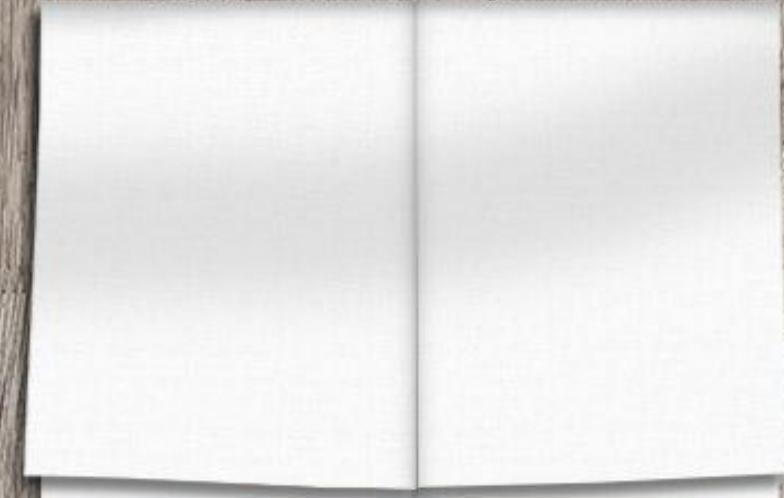
Depois eu conheci um cara que me colocou na cosa do Cinema. Porque na verdade, eu sempre fui uma pessoa de cinema, de fotografia em movimento. Então, entrei na televisão e com 18 anos já estava trabalhando na televisão. E com 20 anos eu já era cinegrafista na TV Globo. Só que naquela época, na década de 1970, não existia o vídeo. O vídeo que existe era para fazer em estúdio, aquelas câmeras grandes e tal. Tudo que era feito em termos de jornalismo, era em 16 milímetros. Então, o indivíduo para ser fotógrafo, tinha que estudar fotografia, saber o que é um filme, qual é a ação daquela filmagem, o que aquela dilação, a reação veloz do diafragma, aquelas coisas todas. Então a gente tinha que estudar, fazer cursos. E você ia fazer uma importância, uma missão que o cara te dava um roteiro de filme e falava: "Olha, você tem dez minutos só e vai chegar fulano no aeroporto". Então você com aquele roteirinho de filme, tinha que fazer os dez minutos legais. Então você tinha que chegar lá, medir a luz com fotômetro e rodar. E então isso faz uma escola de geração de fotografos de fotografia de movimento e de cinema, com uma experiência muito grande. Porque a gente aprendia realmente o que é. Porque hoje temos as câmeras de vídeo, digitais, onde a garotada aprende que: "Tem que bater um trancão aqui, aperte aqui botão, dou cor no monitor, está colorido, bonito e lindo". Mas a fotografia é mais do que isso. Eu comecei a trabalhar com televisão, até que um dia comprei uma máquina fotográfica, que eu gostava tanto e comecei a ganhar dinheiro. Com 20 anos já morava sozinha, já tinha uma profissão, estudava arquitetura e tinha uma profissão. Eu fiz a capa do Clube da Esquina, já tinha 23 para 24 anos.

O negócio da minha paixão pela fotografia foi uma cosa de gosto. Eu fui criado na praia, na beira do mar. Entro eu vivo na praia e Ipanema, é um visual aquilo. Fizido desde pequenininho, eu pegava onda e tal e sempre adorava a cosa da fotografia, de registrar alguma coisa. Mas quando eu era novo, o filme era caro, a máquina fotográfica era cara. Então eu tinha aquela vontade, fui crescendo, entendendo, fui fazer arquitetura. No meio da arquitetura conheci um fotógrafo e falei: "Eu quero aprender". O cara falou: "Se você quiser você faz a assistência". Ai eu ia para lá, não ganhava nada, mas o cara deixava eu ficar lá no estúdio dele. E com aquilo lá, ele via meu interesse, eu era um jovem de 16 anos, interessado, eu ficava lá limpando as máquinas dele, lensas, ele foi vendendo meu interesse.





• Synthesis of strategy
• Synthesis of strategy based on strategic analysis
• Synthesis of strategy based on strategic analysis
• Synthesis of strategy based on strategic analysis





"Neste livro, teremos mais 30 capas de vinil com a apresentação de todas as fotos e seus projetos gráficos completos dos seguintes artistas: Dorival Caymmi, Boca Livre, Angela Maria, Nelson Gonçalves, Jorge Aragão, Danilo Caymmi, Nana Caymmi, Joyce, Robertinho Silva, Mauro Senise, Dori Caymmi, Família Caymmi, Selma Reis, Alevuda e Hermeto Pascoal, Mercedes Sosa com Chico Buarque e Milton Nascimento, entre outros".

Lucca Faria